



Políticas Públicas de Educação: Os Tutores da Educação Superior na modalidade a distância.

**Débora Cristina Siqueira Aceti
Celia Maria Haas**

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo conhecer a percepção, no que se refere à Educação Superior e a Educação a Distância (EaD), dos tutores, que atuam na modalidade a distância em uma Instituição Privada de Educação Superior. São levantados também os dados referentes, a sua formação, área e origem da instituição que nas quais se formaram e ainda, investiga qual o papel que desempenham e reconhecem no sistema que estão inseridos. A hipótese do trabalho é que características de formação acadêmica dos tutores a distância que exercem as atividades na Educação Superior são insuficientes como suporte pedagógico ao trabalho com as ferramentas tecnológicas atuais presentes na EaD. A pesquisa teve caráter de uma investigação qualitativa, com coleta de dados dos currículos lattes e entrevistas possibilitando o tratamento estatístico dos mesmos. Os resultados obtidos demonstram que os tutores, de modo geral, tem uma visão distorcida e preconceituosa sobre a Ead. Destaca-se também a nítida diferenciação nos conceitos de Educação e EaD entre os tutores com formação na área de educação e de exatas. O enfoque do primeiro está atrelado ao conceito de educação e o segundo ao mercado de trabalho e a qualificação profissional. Obtivemos como resultado positivo a demonstração que a ausência de ferramentas virtuais ao longo da graduação ou pós graduação, não inviabilizam o trabalho nesta modalidade de ensino.

Palavras-chave: Educação a Distância. Tutores a Distância. Percepção

1. Compreendendo a EaD

A reflexão sobre a Educação Superior está atualmente atrelada às discussões e estruturas da educação a distância (EaD). Os dados de crescimento desta modalidade são expressivos, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC), que comprovam que de 2003 a 2006 os cursos de graduação ofertados na modalidade à distância passaram de 52 (cinquenta e dois) para 349 (trezentos e quarenta e nove), um aumento de 571% (quinhentos e setenta e um por cento), acompanhado pelo número de alunos, de 49 mil (quarenta e nove mil) em 2003 para 207 mil (duzentos e sete mil) em 2006, o que representa um aumento de 315% (trezentos e quinze por cento).

O aumento das matrículas vem gerando uma demanda específica de profissionais que possam atender esta modalidade de ensino.

A EaD integra as Políticas Públicas de Educação, sendo uma das prioridades do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), conforme afirma Bielschoesky (2008).

A oferta de cursos superiores através do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) abrange “289 municípios brasileiros /.../. São ao todo 151 cursos, 1336 cursos articulados, sendo 870 processos de formação de professores, o que representa 52.315 vagas” (BIELSCHOWSKY, 2008, p. 11).

Na contramão desta expansão da EaD, verificamos que os profissionais em exercício na docência desta modalidade, em sua grande maioria, não utilizam ou mesmo tiveram acesso às ferramentas tecnológicas da educação a distância em sua formação formal, compreendidas como graduação e pós graduação. Os dados coletados no presente trabalho demonstram este problema, sendo que 86% (oitenta e seis por cento) nunca tiveram contato com as ferramentas tecnológicas virtuais nos bancos de escola.

Com a aprovação da Lei 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN) em seu artigo 80, que possibilitou a abertura do ensino à distância em todas as modalidades de ensino, e com o Decreto 5622/05, que regulamenta o ensino à distância, houve a abertura para a EaD nas salas de aula, sendo que tomou uma dimensão avassaladora e exigiu dos docentes e gestores uma rápida adaptação às inovações.

A Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 205, elucida que a “educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa.”

Há previsão legal para investimentos privados na educação, artigo 209 da Constituição Federal e artigo 45 da Lei de Diretrizes e Bases, desde que observados os requisitos legais para funcionamento e qualidade na prestação de serviço.

O projeto do Plano Nacional da Educação (PNE) 2011-2020, ainda pendente de aprovação, prevê a utilização de “tecnologias pedagógicas” que visem estimular e articular a educação no campo e nas áreas indígenas, “universalizar o acesso à rede mundial de computadores”, ampliar a oferta das vagas na UAB e expandir a oferta de cursos de pós-graduação *stricto sensu* utilizando metodologias, recursos e tecnologias de educação à distância.

O Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE) prevê a modalidade EaD como uma forma de garantir os objetivos do PNE, possibilitando a formação e qualificação dos professores, visando atender as exigências mínimas presentes na LDB, como também retomar a articulação entre ensino médio e técnico, através da abertura oriunda do Decreto 5.154/2004, através da modalidade à distância.

A UAB foi criada pelo Decreto 5800/06, “voltada para o desenvolvimento da modalidade de educação à distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País”.

Teve como proposta precípua de ofertar cursos de licenciatura e a qualificação aos professores que estão na educação básica no país, como também a capacitação dos gestores e dirigentes, e equalizar as desigualdades de acesso á educação superior nacional.

Ao refletir sobre a minha experiência acadêmica, me deparei com a ausência de formação para este cenário tecnológico, pois não tive em nenhum momento de minha trajetória contato com ferramentas tecnológicas que tivessem o condão de me preparar para estas inovações.

Ao lecionar na Educação Superior pude vivenciar estas mudanças do ingresso da tecnologia na dinâmica da sala de aula, de forma indelével, mas não imperceptível. Observei os reflexos na gestão, na didática e na forma que o conhecimento era posto em sala de aula, mas não possuía a exata dimensão da complexidade da EaD. A possibilidade inicial de compartilhar o material didático em pastas na internet, de acesso irrestrito ao aluno, foram às primeiras ações nesta direção, pois em minha formação, meus professores disponibilizavam copias reprográficas de cadernos surrados e há muitos anos utilizados sem renovação, anotações e artigos em pastas nas papelarias da referida faculdade.

A cada semestre uma inovação era implantada, inicialmente com a entrega parcial de atividades em ambiente virtual, até chegarmos à oferta de 100% (cem por cento) de algumas disciplinas na modalidade à distância, atendendo as diretrizes curriculares e a Portaria do Ministério da Educação e Cultura (MEC) 4059/2004, que possibilita a oferta de 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso nesta modalidade para cursos já reconhecidos.

Com a possibilidade de assumir a gestão de curso, como Coordenadora e depois como Diretora de uma instituição privada de Educação Superior, debrucei em um novo cenário da educação que até então desconhecia, pois a extensão de minha percepção era apenas acadêmica, de sala de aula, desconhecendo os meandros da administração de pessoas e números, como também o preparo dos docentes para que pudessem lidar com as ferramentas tecnológicas.

Os avanços tecnológicos se faziam presentes também nas ferramentas de gestão, em que as reuniões, antes presenciais, passaram para reuniões satelitárias, e recentemente para reuniões via videoconferência em ambiente virtual.

A adaptação ocorreu de forma rápida, visando acompanhar as inovações postas, e possibilitar que não existisse defasagem nos aspectos acadêmicos ou mesmo de gestão.

Envolvida nesta nova fase profissional, as demandas cotidianas me levaram a qualificação e a discussão do cenário ao qual estava submetida. Passei a confrontar conceitos, ideais e perspectivas frente ao ensino, didática e a gestão, e principalmente a constituir uma inquietude quanto aos docentes que estavam diretamente ligados a educação a distância.

Iniciei uma discussão de quais eram os aspectos necessários para a relação ensino-aprendizagem em ambiente virtual, como se davam as interações entre aluno e professor, as necessidades, características e possibilidades postas à formação do docente e do aluno e a real eficácia e eficiência deste ensino, “tudo isso exige uma pedagogia muito mais flexível, integradora e experimental. Estamos aprendendo a desenvolver propostas pedagógicas diferentes para situações de aprendizagem diferentes” (MORAN, 2007, p.36).

Comecei a descobrir as plataformas de ensino, as nomenclaturas do ambiente virtual, como tutores presenciais, tutores a distância, tutores conteudistas, Moodle, (LAPA e PRETTO, 2010) entre outros recorrentes.

A observação também se pautou na facilidade de docentes mais jovens, aqui considerados aqueles nascidos a partir da década de 70 (setenta), em se adaptar as ferramentas e as inovações, e a dificuldade que docentes mais experientes tinham em criar novas visões e técnicas de ensino.

Frente ao novo e desconhecido, me deparei entre a curiosidade em descobrir e fazer parte das inovações, ou me recolher e permanecer na zona de conforto. Escolhi a inovação.

Explorei a minha curiosidade frente ao ambiente virtual.

O recorte do trabalho acompanha o novo cenário da EaD, em que a relação de ensino não é mais o único fator a ser observado, mas sim a flexibilidade do docente em respeitar e compreender as necessidades, características e o tempo de aprender de cada aluno.

Desta forma não se opta em utilizar a terminologia de professor, mas sim tutor, por este ter as características de “tornar-se parceiro dos estudantes no processo de construção do conhecimento, isto é, em atividades de pesquisa e na busca da inovação pedagógica” (BELLONI, 2009, p. 81).

De forma a estruturar a hipótese do trabalho, observa-se que as características de formação acadêmica dos tutores a distância que exercem as atividades na Educação Superior são insuficientes como suporte pedagógico ao trabalho com as ferramentas tecnológicas atuais presentes na EaD.

Observando-se sempre as questões: 1. Quem são os tutores da Educação à distância? 2. Qual é a formação inicial destes tutores? e, 3. Qual é a percepção da educação ao qual estão inseridos? Foram estabelecidos os objetivos de a) Mapear a formação formal específica para o exercício da tutoria; b) Compreender como a área de formação impacta diretamente na visão da Educação Superior e na EAD; e, c) Discutir a influência desta formação na visão do tutores sobre a Educação Superior.

Iniciamos a pesquisa, com a escolha da instituição a ser pesquisada. Optamos por uma grande instituição de ensino particular, em que há a oferta de cursos na modalidade à distância e presencial, tendo docentes e tutores com diversas características de formação e oriundos de instituições privadas e públicas do país.

Visando preservar a pesquisa e possibilitar transparência ao trabalho, a instituição terá o seu nome preservado, e neste trabalho será identificada como Instituição de Educação Superior Privada “A” (IESP “A”).

O trabalho obteve aprovação da IESP “A” através do Comitê de Ética.

A opção em estudar os tutores à distância da IESP “A” pauta-se principalmente pela diversidade no perfil, formação inicial e carência e fragilidades frente a EAD.

A pesquisa dentro da IESP “A” possibilitará que a análise perpassasse por tutores que nunca tiveram contato com o método, até aqueles que possuem alguns anos no cargo. Em um cenário inicial de 92 (noventa e dois) tutores, foi pesquisada uma amostra de 10 (dez), mesclando aqueles recém contratados, aos que laboram a mais de 6 (seis) meses junto ao grupo com a tutoria à distância, como também com profissionais que já exerceram tal atividade em outras instituições, principalmente com o recorte de formação em públicas ou privadas, área de educação e exata, como também a titulação, entre especialistas, mestres e doutores.

Ressalta-se que iniciamos a pesquisa com a análise dos currículos lattes com uma amostra total de 92 (noventa e dois) tutores, e dentro destes, utilizamos uma amostra para as entrevistas de 10 (dez) tutores, o que representa 10,82% (dez virgula oitenta e dois por cento) um percentual seguro e estatisticamente confiável dentro de uma amostra inicial pequena.

As entrevistas possuíam questões abertas o que limita o total de entrevistas. A proporção entre homens e mulheres, titulados com *latu e stricto sensu*, pública e privadas e áreas de humanas e exatas, foram respeitadas, visando isentar vícios da pesquisa e a não indução dos resultados.

Desta forma, a pesquisa conterà dados suficientes que possibilitem uma amostra fidedigna com o objetivo deste trabalho, e poderá traçar a linha mestra das características necessárias para atuar como tutor do ensino a distância.

A pesquisa com os tutores à distância da IESP “A” viabilizará a possibilidade de através de dados reais dos pesquisados, refletirmos sobre a importância da formação inicial e continuada dos tutores.

A discussão aqui presente e os dados levantados possibilitarão novas pesquisas, que possam discutir a necessidade e importância da presença de ferramentas tecnológicas na formação inicial, principalmente dos profissionais de licenciatura.

A escolha de analisar uma instituição privada justifica-se pelos dados do Censo da Educação Superior do INEP/MEC de 2008, que esclarece que perante as instituições de educação superior no Brasil, 90% são instituições privadas e 10% instituições públicas, estas divididas entre 4,1% federais, 3,6% estaduais e 2,7% municipais. Ressalta-se que “o maior número de faculdades (93,1%) e de centros universitários (96%) está vinculado ao setor privado, enquanto as universidades estão distribuídas em proporção aproximada entre setor público e privado, 53% e 47% respectivamente” (INEP/MEC, p. 9).

De forma a corroborar com o foco nas instituições privadas, denota-se que estas correspondem com 79,6% do ingresso de alunos na educação superior, sendo que apenas 20,4% estão a cargo das IES públicas.

As instituições privadas, conforme Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância 2008 (AbraEAD 2008), representam 63,6% (sessenta e três vírgula seis por cento) de cursos ofertados no país na modalidade EaD, frente às públicas, como também detém 82,9% (oitenta e dois vírgula nove por cento) de alunos nesta modalidade.

O que se denota é que as transformações da educação são decorrentes das mudanças sociais e econômicas vivenciadas no cenário mundial atual, sendo que “este processo faz parte do ajuste estrutural, em que a criação do Estado mínimo exige reformas que repassem para o setor privado encargos e compromissos até então assumidos pelo setor público (SANTOS, 2008, p. 1146).

Destarte há toda uma reestruturação das relações anteriormente desenhadas, em que a entrada do setor privado em situações e ações anteriormente exclusivas do poder público, trouxe uma nova forma de gestão, visão e interpretação da Educação Superior, como também das necessidades e da forma de abordagem em sala de aula.

Diante deste contexto, conhecer o perfil dos tutores à distância que estão à frente das inovações pedagógicas do cenário nacional, atuando como ator principal das engrenagens da Educação Superior é fundamental, pois concederá subsídio para compreender os aspectos relevantes da formação do docente para atuar nestas inovações metodológicas e educacionais.

2. Considerações Finais

Conforme exposto o interesse em compreender a EaD veio com o trabalho e as inovações apresentadas com o passar dos anos, em que pese que em minha formação nunca havia tido contato com algo que se aproximasse do mundo da educação em ambiente virtual, e quando me deparei, estava atuando neste ambiente, ensinando, mas muito mais aprendendo.

Com os estudos, discussões e leituras do mestrado, como também com o andar pessoal e profissional, fui crescendo academicamente, e meu projeto de pesquisa, que quando apresentado era tímido, singelo e sem vida, foi ganhando “sustância”, como falamos no interior, conteúdo e forma, fui descobrindo o que realmente me provocava e me perturbava, principalmente por estar inserida e não ter as respostas, nem ao mesmo o fio da meada do começo ou fim do processo na EaD.

Comecei um processo inverso, de provocação alheia, questionando meus amigos e professores que trabalham comigo sobre a EaD, o que entendiam, como viam a Educação Superior e como é e seria a Ead para o futuro.

Foi uma surpresa, pois todos como eu, nunca tiveram acesso a EaD, e agora estavam no ambiente virtual, a trancos e barrancos, com práticas e experiências do presencial adaptando-as ao ambiente virtual.

Redesenhei meu projeto, meu tema e principalmente minha hipótese e questões que sustentavam a pesquisa, visando um recorte da percepção que estes docentes, hoje chamados de tutores, detinham do meio ao qual estavam inseridos.

Assim, a pesquisa desenvolvida iria identificar as características de formação acadêmica dos tutores a distância que exercem as atividades na Educação Superior e verificar se são insuficientes como suporte pedagógico ao trabalho com as ferramentas tecnológicas atuais presentes na EaD.

Não há a pretensão de esgotar o tema, apenas de possibilitar que o tema entre em pauta de estudo e investigação, sendo iluminado pela luz da ciência, pois os passos aqui trilhados possibilitaram identificar o histórico da Ead, as características dos tutores e do binômio ensino e aprendizagem, como também discutir a formação e visão dos tutores, através das entrevistas.

Observamos que a ausência de contato com as ferramentas de EAD trazem um receio e preconceito com o método; mas quando os profissionais, mesmo aqueles que nunca tiveram contato com a ferramenta, conseguem aliar as experiências obtidas no presencial durante os anos de estudo e alguns durante o trabalho, e adapta-los para o trabalho em ambiente virtual, há sucesso na atuação.

A reflexão que a literatura especializada nos trouxe, é o diferencial do profissional que alia a didática ao material pedagógico virtual, de forma criativa e inovadora.

A educação possui a possibilidade de contribuir para transformar a sociedade, auxiliando as discussões acerca das políticas de Estado e, em alguns casos, é a mola propulsora do desenvolvimento social.

A sociedade vive, continuamente alterações estruturais em sua base ao longo dos anos, em que antes os postos de trabalho, em sua grande maioria, eram ocupados pela força física e braçal, e que foram fortemente substituídos, pela intelectual.

Estas mudanças trouxeram a necessidade da diversificação acadêmica para as instituições de Ensino Superior, visando o atendimento de diferentes necessidades e circunscrições, principalmente oriundas de caráter financeiro.

O ensino tornou-se mais flexível, revendo esquemas e paradigmas de ensino e aprendizagem existentes até então, discutindo os conceitos de inovação curricular e ensino, aprendizagem e avaliação.

Atualmente há demanda-se a rápida inserção profissional, em que o trabalho deve voltar-se para o desenvolvimento de habilidades e competências, para que este profissional possa estar inserido em um contexto inovador e de rápidas mudanças.

Com estas alterações o modelo de Educação Superior centrado no docente foi alterado para o modelo centrado no aluno e na busca por resultados, neste modelo o docente deixa de ser o foco, pois ele não emana o conhecimento, mas sim passa a ser o aluno, que através de atividades irá construir seu conhecimento.

A alteração de perspectiva redesenhou o papel do docente, não se almejando mais aqueles profissionais da educação que eram detentor único do conhecimento, e que emanava, de forma solitária, o conhecimento, através de uma visão simplista, de detentor da verdade.

Passamos de um modo de ensinar coletivo, na sala de aula, para uma forma mais individualizada, no ambiente da EaD, em que cada aluno possui o seu tempo e ritmo frente o conhecimento ali posto, e o professor apenas auxilia neste processo.

Conforme a assertiva de Maia e Mattar (2007), Palloff e Pratt (2004) e Litwin (2001), o papel do docente foi alterado, em que não há mais o papel do professor que ensina, mas sim do professor que facilita e conduz o aprendizado.

Este processo exigiu uma nova estrutura funcional, sendo que o ensinar figura em sua coletividade para um aprendizado individual, confrontando com o que tínhamos até o momento, em que o ensinar e aprender era postos em sua coletividade, dentro da sala de aula presencial.

O docente não se encontra fragmentado para atender todas as demandas no ambiente virtual, mas sim é construído dentro de uma ação colaborativa entre inúmeros agentes, tendo a construção do método de forma coletiva entre muitas docentes e profissionais da área, corroborado pelo pensamento de Maia e Mattar (2007), Belloni (2009) e Marsden (1996).

Com estas inovações e mudanças de paradigmas, reconhece-se um grande esforço dos docentes, que mesmo com toda a sua preparação devem sair da centralidade do ensino, para comprometerem-se com a aprendizagem do aluno.

Observa-se que os profissionais ligados a educação, em sua grande maioria, não tiveram ferramentas tecnológicas em sua formação inicial, o que dificulta a percepção do cenário ao qual estão inseridos, e principalmente a de seu trabalho.

Ao analisar a formação inicial do trabalho, observamos que apenas 69% (sessenta e nove por cento) possuem pós graduação *latu sensu* e 31% (trinta e um por cento) possuem formação *stricto sensu*, sendo que 82% (oitenta e dois por cento) possuem apenas uma única graduação, 17% (dezesete por cento) possuem 02 (duas) graduações e apenas 1% (um por cento) possui 3 (três) ou mais graduações.

A maioria dos docentes envolvidos na EaD são oriundos do ensino presencial, e não tiveram modelos ou experiências anteriores que pudessem embasar os métodos a serem seguidos em sua prática laborativa, conforme demonstrado pelo trabalho, em que 85% (oitenta e cinco por cento) e 81% (oitenta e um por cento) dos tutores nunca tiveram contato com ferramentas de EaD, respectivamente na graduação e pós graduação.

A ausência com a EaD transpareceu na incerteza e preconceito com o método no momento das entrevistas, em que ficou claro e transparente o receio para com este sistema, sendo que esta sensação e sentimento são dirimidas quando há contato com o sistema.

O desconhecimento da forma e estrutura do método, ocasiona em um receio da qualidade do ensino, e principalmente nos aspectos de conteúdo e forma de processo da aprendizagem.

Denota-se que a área de formação influencia no foco dado a visão da Educação Superior e da EaD, em que os profissionais da área de humanas, principalmente aqueles oriundos da educação, entendendo as licenciaturas, interpretam a educação em seu contexto de formação e crescimento, em contrapartida os oriundos da área de exata conduzem a interpretação para o mercado de trabalho e crescimento profissional.

Outra observação feita ao longo do processo, os tutores oriundos de instituições públicas, atribuem ao conceito de Educação, aspectos relevantes da pesquisa e da discussão, o que reafirma os modelos postos durante a formação, estão atrelados na forma e interpretação do meio educacional ao qual estão inseridos.

Os aspectos relevantes da formação dos tutores, estão sendo refeitos para o ambiente virtual, em que formação e experiência, estão possibilitando a adequação da forma e intensidade do trabalho, tendo relevância e foco sempre no aluno.

Para Belloni (2009) e Lynch e Corry (s/data) reforçam a necessidade da prática e contato com ferramentas tecnológicas e inovadoras durante a formação do aluno, visando ampliar horizontes e não limita-lo em sua atuação profissional.

A compreensão dos tutores frente a realidade do aluno, e a preocupação e consciência real do tutor na transformação desta realidade e da sociedade ao qual o aluno está inserido, trazem uma experiência laborativa de maior atenção e compreensão nas dificuldades e necessidade de se entender a regionalidade, visando garantir um aprendizagem individual e local mais eficiente e pontual.

Os tutores possuem uma visão da coletividade e do todo, do que os autores denominam de “instituição que ensina” e não do docente, conforme Moore e Kearsley (2007), Maia e Mattar (2007), Litto e Formiga (2009) e Belloni (2009), em que é nítido a percepção deles integrando uma grande engrenagem do ensinar, com um único e comum objetivo, o aprendizado do aluno.

A atuação do tutor é o que a literatura traz como facilitador, Maia e Mattar (2007), em que se pode observar que a atuação de estímulo, orientação e facilitar é notório e pontuado para todos os entrevistados.

Observa-se que conseguimos identificar um dos aspectos inovador trazidas pela criatividade e engajamento dos profissionais ligados a educação, e que a literatura coloca como um dos pontos mais difíceis e desafiadores, conforme Belloni (2009, pág.??), a fusão da didática do professor ao material do ambiente virtual, o que transparece em uma prática mais humanizada e “quente”, em um ambiente frio e distante.

Desta forma, pode observar que a ausência de contato com ferramentas de Ead durante a formação não impactam na atuação nesta modalidade dos profissionais a ela ligados, apenas contribuem na diversidade de abordagem e criatividade para adequar a didática as novas exigências.

Encontrei inovações, que fui posta em contato ao longo das entrevistas, quando observei que a área de formação influencia diretamente na interpretação da educação, e na forma de atuação frente ao ensino, como também a distinta visão dos profissionais oriundos das instituições públicas, que focam na discussão e no debate como foco central do ensino.

A riqueza de conteúdo e de comprometimento para com o aluno, transparece nas entrevistas, em que em muitos casos os tutores estão convencidos pela possibilidade de transformar a realidade do aluno e do meio ao qual estão inseridos, possibilitando resgatar o compromisso da Educação Superior no Brasil, no seu papel de contribuir com o desenvolvimento e acesso a formação nesse nível de ensino.

Uma descoberta relevante ao longo deste trabalho indica que o preconceito com a Ead é oriundo basicamente do desconhecimento da ferramenta, e que é possível, aliar conhecimento obtidos através do presencial ao modelo virtual, sendo o inverso também viável.

3. Referencias.

BELLONI, Maria Luiz. **A educação a distância**. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo. **Artigo: O crescimento da Educação a Distância no Brasil**. In Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância. AbraEAD, 2008, p. 11

BRASIL. Assembléia Nacional Constituinte. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa do Senado, 1988 – com alterações até agosto de 2011.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília. 23/12/2966. Atualizado até outubro de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior 2008**. Disponível no site <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/> . Acesso em 22/06/2011.

BRASIL. Presidente da República. **DECRETO** nº 5.800, de 08 de junho de 2006. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB. Diário Oficial da União. Brasília. 09/06/2006. Atualizado até agosto de 2011.

BRASIL. **PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO: RAZÕES, PRINCÍPIOS E PROGRAMAS**. Ministério da Educação. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/index.htm> . Acesso em 02/07/2011.

BRASIL. **Projeto de Lei: Plano Nacional da Educação 2011-2020**. Projeto de Lei encaminhado ao presidente da república em 15 de dezembro de 2010. Disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/12514/mec-divulga-plano-nacional-de-educacao-2011-2020>. Acesso em 04/07/2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **PORTARIA** nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004. Diário Oficial da União. Brasília. 13/12/2004. Atualizado até agosto de 2011.

Brasil. Ministério da Educação. **Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2008**. Disponível em http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/relatorio_tecnico.htm. Acessado em 09/06/2010

LAPA, Andrea e PRETTO, Nelson de Luca. **Educação a distância e Precarização do Trabalho Docente**. Em Aberto, Brasília, v. 23, n. 84, p. 79-97, Nov. 2010

LITTO, FREDERIC M. **Aprendizagem a Distância**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

LITTO, Frederic M. e FORMIGA, Manuel M. Maciel (orgs). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009

LITWIN, Edith (org). **Educação a distância: Temas para Debate de uma Nova Agenda Educativa**. Porto Alegre, Artmed, 2001.

MAIA, Carmem e MATTAR, João. **ABC da EAD: A educação a distância hoje**. 1 ed. São Paulo: PEARSON Prentice Hall, 2007

MARSDEN, R. **Time, Space and Distance Education**, in Distance Education, vol. 17, n. 2, 1996.

MOORE, Michael e KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: Um visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas,SP: PAPIRUS, 2007.

_____. **Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil**. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm> . Acesso em 15/07/2011.

_____. **Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil**. In MORAES, U.C. **Tecnologia Educacional e Aprendizagem: O Uso dos Recursos Digitais**. São Paulo: Livro Pronto, 2007

MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Ap. **Novas Tecnológicas e Mediação Pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000

PALLOFF, R.M & PRATT, K. **Building learning communities in cyberspace: effective strategies for the online classroom**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1999

SANTOS, Boaventura de Sousa e ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A Universidade no Século XXI: Para Uma Universidade Nova**. Coimbra: Portugal, 2008

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**.10ed. São Paulo-SP: Cortez, 1999

SANCHEZ, Fábio coord. **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância 2008 (AbraEAD, 2008)**. 4 ed. São Paulo: Instituto Monitor, 2008